



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

“A NOITE COBRIA O RIO CAMINHANDO”: UMA NARRATIVA QUE PULSA A VISÃO DO INACABADO EM ESPAÇOS AMAZÔNICOS

Maria Cristina Lobregat¹

*Meninos e meninas
Surgiram dessas ruínas.
Miseráveis meninos.
Miseráveis meninas.
Com raiva e com fome
armam o memorial do futuro:*

não tem água que apague.

*O rio continua
o seu delírio
de funcionário público.*

(Até os rios cansam de correr para o mar)

*A cidade que existe em nós
tem saudades do futuro.*

Aldísio Filgueiras

Maginando bem, foi desgraça essa da vinda. A vida desmudou pra pior. Querente melhoria, vigie o fracateado.(...) A cidade comeu das carnes de mãe.

Paulo Jacob

São as lembranças do Lago Manari, espaço deixado, que acompanham o personagem “Apariço” e fazem um movimento pendular entre o passado recente no seringal e o presente desumanizado no espaço urbano. Emergem, no contexto da cidade de Manaus, situações de barbárie, luta pela sobrevivência, saudades e lembranças narradas em primeira pessoa na obra *A noite cobria o rio caminhando*, romance de Paulo Jacob, escritor amazonense. Trouxemos o menino “miserável” na

¹ Mestre em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre – UFAC e aluna especial no Programa de Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná -UNIOESTE cristina.lobregat@ifac.edu.br



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

imaginário daquele que vive sem as letras. Pelo ideal de prosperidade, Donana, mãe de Apariço, resolveu ir para a cidade após a alagação da propriedade, não havendo como permanecer no interior da floresta, Donana segue com o filho para a cidade. Este fato que é narrado por Apariço mencionando que "Nessa ilusão, a cheia botou de nós pra fora da terra. Alagação a mais medonha. Tudo findado no arrojo das águas. Dalgumas poucas posses, o rio botou na destruição" (JACOB, p. 22). A decisão de ir para o centro urbano dava-se por uma necessidade, e mais além disso, também pela busca de condições de se apropriar das formas institucionalizadas de reconhecimento, visibilidade social e poder através das letras.

A obra de Jacob abre vários diálogos com críticas ao sistema social. A narrativa propõe uma escola incapaz no acolhimento dos ribeirinhos, esta segregava as crianças que moravam na Vila Rosa, mais especificamente no Chão de Urubu, pois a miséria os tornavam sujos e fedidos como o lixo utilizado nas refeições diárias. Dessa forma, Apariço não conseguia ser acolhido pela professora, não tinha o respeito dela devido à condição social vivida por ele. Não tinha pai, apenas mãe. Seu pai era apenas um risco, pois "Dona Emerentina até pegou de rir. Botou dum traço no livro. Dum traço o nome de pai, dum traço filho de pobre, dum traço gente do povo." (JACOB, p. 89). A condição de vida do personagem não possibilitava espaço no contexto que a professora propunha, havia uma linha social que separava as crianças de família de posse das crianças vindas de Vila Rosa. Apariço percebe que não era aceito e que se sentia deslocado dentro dos processos construídos pela instituição escolar através das atitudes da professora.

Embora eles tivessem deixado o Manari, continuavam a "ser e estar ribeirinhos" e isso deu-se nas diversas situações com as autoridades representadas pelos " [...] guardas azucrinando. Tomem caminho. Bisnecendo casa alheia! Que então querem? Gente ruinosa, fugidios da enchente. Querem dinheiro, casa na cidade" (JACOB, p.22). As cenas descritas nos mostram que a relação de significados entre o meio rural e urbano colocavam os personagens à margem de qualquer direito, sendo



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

disso, podemos dialogar com as reorganizações pessoais diante de sua forma de viver e sobreviver, sendo que o deslocamento sofrido por ele representa, simbolicamente, uma condição humana de perda.

As experiências que Apariço viveu na cidade de Manaus demonstram que a sobrevivência era ponto de partida. Nesse sentido e com inspiração nas ideias de Stuart Hall, compreendemos que Jacob colocou seu personagem frente a frente com uma realidade devastada e repleta de contradições. A personagem é criada em um contexto de sobrevivência a partir de suas práticas de espaço através de Apariço que troca a pesca no rio pela luta com outros meninos miseráveis na montanha de lixo despejada no Chão de Urubu, a forma possível de alimentação encontrada no contexto urbano. Conforme o narrador em primeira pessoa descreve a cena, ele, paralelamente, volta ao passado idealizando as experiências de sobrevivência no contexto do interior da mata no Manari. Com inspiração nas discussões de Stuart Hall, podemos perceber que a representação que Jacob constrói através da narrativa de Apariço " trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade" (HALL, p.71). O autor encarcera a personagem Apariço, deixando-a "sem saída" já que não havia possibilidade de retorno ao Manari e muito menos viver com visibilidade social no contexto urbano.

Ainda na mesma esteira teórica, percebemos que o personagem não se adapta ou se apropria brandamente da nova forma de viver em Manaus, sempre revisa seus próprios conceitos e valores morais, seus próprios sistemas de referência, diante das práticas de sobrevivência. Não aceita a postura moral da mãe que se prostitui em troca de alimento: "Faltando o de comer, o xiri faz do pago. Seio muito disso. Mãe na pouca vergonha. Falações de igual mulher dona, estradeira [...] No Manari, nunca desses aconteços. Mulher de muito recatos. Mãe muito mudou." (JACOB, p.54). Jacob coloca seu personagem em situação de aceitação e não aceitação das novas práticas vivenciadas pelo personagem Apariço, com isso é possível perceber que há uma recusa à forma de viver no meio urbano, algo que se contrapõe aos valores



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

anteriormente aprendidos no interior da floresta, o que revela uma das decepções em viver na cidade de Manaus.

O ato de negociação com a cultura da cidade e do povo de Vila Rosa, do Chão de Urubu é uma espécie de tradução que Hall trata como algo "inacabado", refutando a ideia binária de ser "um" ou "outro". A definição do sujeito é pluralizada, pois "[...] as pessoas são obrigadas a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hífenizadas [...]" (HALL, p.72). Nesse contexto, os personagens criados por Paulo Jacob, considerados deslocados neste texto, assumem posturas morais, práticas de sobrevivência e formas de relacionamento distintas daquelas que conheciam na região ribeirinha. Mesmo tomando para si novas práticas, ainda existe dentro de cada um, especialmente em Apariço, as características e a vontade de nunca deixar de ser do Manari. Todas as atitudes que o enclausuraram no contexto urbano e o denominaram como bandido, ladrão e violento são sempre intermediadas pelas lembranças do local onde cresceu e passou boa parte de sua vida. Embora a cidade o tenha influenciado aos moldes daqueles que viviam na periferia, Apariço guarda dentro de si a vontade de ser um trabalhador, criar uma família e ter dignidade. Os conceitos de moralidade e de valores são latejantes em cada situação contrária de violência urbana que ele experimenta, portanto, torna-se uma contradição entre o pensamento moral e as ações praticadas para estabelecer uma forma de sobrevivência.

A narrativa construída por Jacob traz não só a hostilidade presente na recepção no momento de chegada à cidade, ou no descaso praticado pela instituição escolar materializada pela professora Ermentina, mas também pontua que os conhecimentos de sobrevivência na mata não possuíam efeitos na cidade, não tinham valor de troca ou de reconhecimento como saberes. O deslocamento dos personagens os direcionam para outras aprendizagens e vimos sujeitos que se relacionam com o outro em busca de sobrevivência articulada com novas formas de olhar a realidade. Nesse sentido, Glissant (2005) nos ancora a partir da ideia de que a identidade do ribeirinho não está fixada na raiz (a partir das lembranças e



Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

aprendizagens de caça, pesca e extração vegetal), mas sua identidade está também nas suas relações positivas e/ou negativas com o outro presente no lugar encontrado. Apariço, através de práticas de espaço, se reformula em outro sujeito dentro do contexto urbano e ao mesmo tempo usa as memórias de um passado na floresta que pulsa a cada prática que o distancia dos valores trazidos.

O caminho percorrido pelas personagens centrais da obra indica uma luta constante pela sobrevivência no meio urbano. Ao mesmo tempo, as lembranças de Apariço encaminha ao leitor à fartura que havia no interior da mata, criando um imaginário em torno da abundância que a natureza dedica aos homens que nela vivem. Todas as dificuldades de Apariço são marcadas por expressões que remetem às lembranças do Manari, sendo assim, fica claro que o ribeirinho não pertencia à cidade, embora tivesse de se render devido à fome e falta de visibilidade social. Com isso podemos relacionar esse novo sujeito com o inacabado, aquele que estava sempre em transformação devido às trocas, às experiências tidas e obtidas a partir da relação com o outro e com o espaço urbano experimentado.

Torna-se perceptível o vínculo que Apariço possuía com o Manari, ele não deixa de exaltar o lugar a partir de uma narrativa insistente e repetitiva na expressão "lá no Manari não era assim". Não havia como voltar porque o espaço que ele deixou não era mais o mesmo das suas memórias, já havia passado por transformações e os ribeirinhos já não conseguiam sobreviver da pesca e caça. Sabá, o padrinho de Apariço, atualizava as informações sobre a região ribeirinha, sobre as lutas por terras, os conflitos, as dificuldades de caçar, pescar e viver. O padrinho também se deslocou para a cidade, pois não conseguia mais sobreviver no Manari. No final da obra Apariço encontra-se "sem saída" quando está escondido na mata, procurado pela polícia por ter matado um policial e com o ferimento arruinado. Quando seu filho nasceu, mesmo sem trabalho para manter a família, fez questão de registrar o filho no cartório, não queria que seu filho tivesse um risco no nome do pai. Com isso é visto que o papel, o documento escrito assume importância no imaginário do personagem, isso o fazia acreditar que o fato de não ter pai o conduzia ao descaso e às más possibilidades de

